

# Revista Femass

eISSN 2675-6153

Número 4 - jul./dez., 2021

## EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE: UMA LEITURA DO CENÁRIO ATUAL DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

EDUCATION AGAINST BARBARITY: A READING OF THE CURRENT  
SCENARIO OF BRAZILIAN EDUCATION

Josélia Rita da Silva

Doutoranda em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte  
Fluminense (UENF)

Professora do Instituto Federal Fluminense

E-mail: [joseliaamaral@gmail.com](mailto:joseliaamaral@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0003-4243-5435>

Recebido: 30/09/2021

Aprovado: 20/12/2021

DOI: <https://dx.doi.org/10.47518/rf.v4i1.51>



Os artigos publicados neste número estão em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite o uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que os trabalhos originais sejam corretamente citados.

CASSIO, F. (Org.). *Educação contra a barbárie*: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

Em entrevista concedida à Rádio de Hessen em setembro de 1966, Theodore Adorno (2000) afirmou que a questão mais urgente da educação era a necessidade de *desbarbarizá-la*. A barbárie, para Adorno (2000), constitui-se de um atraso dos indivíduos em relação à sua própria civilização, mas também por esses se encontrarem imbuídos de espírito de agressividade e impulso destrutivo.

Bebendo das reflexões de Adorno em *Educação e emancipação* (2000), especialmente em seu Capítulo “**Educação contra a barbárie**”, a obra organizada pelo professor e pesquisador Fernando Cássio da Universidade Federal do ABC tece um cenário da educação brasileira das últimas duas décadas e seus muitos desafios. Com prólogo escrito por Fernando Haddad e uma apresentação do próprio organizador, Fernando Cássio, a coletânea reúne vinte e seis ensaios de pesquisadores, professores, jornalistas, militantes de movimentos sociais, dentre outros, permitindo uma leitura profunda e heterogênea acerca da barbárie que tem adentrado nossos espaços escolares.

Em suas três partes: **I) A barbárie gerencial**, **II) A barbárie total** e **III) Educação contra a barbárie**, o livro discute os retrocessos que vivenciamos no campo dos discursos e das políticas educacionais. Se historicamente a educação brasileira se constituiu território de disputas antagônicas e, até mesmo uma luta de classes, o elemento novo que confere uma proficuidade à obra em tela é o acréscimo de um olhar acerca da influência de poderosos interesses que tem imposto a barbárie sobre a educação, a saber, o ultraliberalismo e o ultrarreacionarismo que, embora guardem diferenças quanto aos seus objetivos, desde 2016 tem atuado de mãos dadas no Brasil.

Na primeira parte, os oito ensaios abordam a “**Barbárie gerencial**” a partir do crescimento da atuação do setor privado e dos interesses do capital sobre a escola, ameaçando o direito constitucional à educação pública, gratuita e de qualidade.

A partir de diferentes abordagens discute-se como a presença crescente de institutos e fundações empresariais ditando as regras nas políticas públicas começa a ganhar espaço para além da já questionável aprovação de leis educacionais, sendo facilitada por parcerias público-privadas (PPP) que têm deformado o sentido pleno da educação.

A busca por rendimento em avaliações internacionais de larga escala como o PISA<sup>1</sup> e outros indicadores nacionais como o IDEB<sup>2</sup> têm reduzido a grandeza da educação a um **ranking** numérico que pouco reflete os muitos desenvolvimentos proporcionados pela escola a seus educandos. Os autores expõem como o desempenho em tais avaliações é utilizado para promover a privatização da educação subsidiando o argumento de que o setor público precisa aprender com o setor privado a ser eficiente, a ser eficaz, a fazer mais com menos.

<sup>1</sup> Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, organizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE

<sup>2</sup> Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

A iniciativa privada, por meio de seus institutos, ganha assim espaço como aqueles que sabem produzir resultados e passam a gozar de livre acesso à educação: vendendo materiais pedagógicos, livros didáticos, cursos e treinamentos, metodologias, currículos prontos, e até mesmo assumindo a gestão de escolas e redes públicas de ensino.

A privatização do ensino superior aliada à falta de regulamentação adequada do ensino a distância tem transformado a educação em produto enlatado a ser entregue às massas ao menor custo, temas também abordados em dois ensaios.

Destaco dessa primeira parte o texto de José Marcelino de Rezende Pinto **“Verdades e mentiras sobre o financiamento da educação”** como emblemático à questão. O autor desconstrói a partir de dados mitos que são amplamente massificados pela mídia sobre a educação brasileira e que conduzem a opinião pública a tomá-los como verdades. Tais mitos mascaram o interesse de desmoralizar a educação pública em detrimento da privada, abrindo terreno para o domínio das ideias privatizantes.

A barbárie gerencial responsabiliza, exclusivamente, professores e alunos pelos resultados da escola como forma de mascarar o descaso, a falta de investimentos estruturados e estruturantes na escola pública, os problemas sociais e econômicos dos educandos e de suas famílias, a precária infraestrutura física, a falta de formação continuada e de valorização profissional do magistério, dentre tantos outros desafios da educação pública brasileira.

Além dos riscos impostos pelo capital privado à gestão da educação pública, também têm sido ameaçadas a liberdade de ensinar, a organização curricular, as práticas pedagógicas e as concepções e valores educacionais. A **“Barbárie total”** é debatida nos nove ensaios da segunda parte que abordam a *barbarização* da escola pública, sobretudo a partir da chegada de Jair Bolsonaro à presidência em 2018 o que permitiu aos movimentos ultraconservadores e reacionários centrados em debates rasos, sem dados e totalmente desconectados à realidade da sala de aula, fazerem surgir questões fantasiosas e inimigos inexistentes, desviando a agenda educacional do que realmente importa, seus muitos problemas reais e urgentes.

O movimento Escola Sem Partido, o *homeschooling*, a suposta doutrinação pela ideologia de gênero, a militarização das escolas públicas, o aumento do preconceito e da violência contra religiões de origens africanas e indígenas, o obscurantismo em detrimento de saberes cientificamente comprovados, a adoção pelo governo de um método único – e já ultrapassado - de alfabetização e os retrocessos da concepção da educação na primeira infância enquanto política pública são discutidos pelos autores e nos permitem compreender como tais ideias apesar de tão distintas estão, de certa forma, conectadas.

Representam interesses ultrarreacionários que veem na educação uma inimiga a ser combatida, afinal, a emancipação humana, a cidadania, a ciência e os educadores despertam os indivíduos para o pensar, algo insuportável para os que querem que a humanidade, além de não caminhar, retroceda.

Desse modo, escolas e professores vão sendo silenciados. Não por coincidência os que promovem a barbárie tentam desacreditar e culpabilizar Paulo Freire. O ensaio de Sérgio Haddad **“Paulo Freire, o educador proibido de educar”** é elucidativo de como a pedagogia freiriana, historicamente, incomodou as elites brasileiras. Da ditadura militar ao presente suas ideias sempre foram combatidas, não no campo do debate assentado na lógica, mas por intermédio dos instrumentos que os amantes da barbárie melhor empregam: a perseguição, a ameaça, a censura, o exílio.

O autoritarismo, infelizmente, tem penetrado o seio de nossas escolas e encontra-se impulsionado em nossos dias. A luta contra o legado de Paulo Freire é uma luta contra todos os educadores, é a expressão da barbárie contra a educação brasileira.

Há esperança diante do cenário imposto pela barbárie? Talvez em Adorno (2000, p. 182) encontremos um apontamento: *“a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência”*.

Nesse intuito, na terceira parte **“Educação contra a barbárie”**, os ensaístas apresentam um panorama da resistência pedagógica contra as diversas formas de barbárie. Os nove ensaios articulam alternativas educacionais em curso no País: a educação para o sentir, a participação social, a educação indígena e a popular, as escolas do MST, a produção e compartilhamento do conhecimento entre universidades e escolas, a leitura real e possível dos fatos históricos e o aprimoramento dos recursos educacionais abertos (REA).

Os autores, em diferentes perspectivas, nos mostram de forma não utópica, mas centrados em iniciativas já em andamento que a educação é o melhor caminho para se resistir à barbárie. A republicação do texto de *bell hooks* **“Educação democrática”** foi uma escolha cirúrgica para compor a obra como último ensaio, por seu valor histórico e, ao mesmo tempo atual. Se a barbárie é contra a democracia, escolas democráticas precisam ser contra a barbárie.

A terceira parte do livro nos leva a refletir sobre o quão possível e urgente é organizar uma educação centrada na autonomia, na liberdade, no respeito e na pluralidade do Brasil que somos. Se de cima vêm os ataques, talvez resida na base a resistência necessária: nas escolas, nos educadores, nos alunos e em suas famílias.

Adorno (2000) que via com preocupação o modo como a educação estava sendo transformada em instrumento de domesticação cultural, anulando a autonomia humana e a capacidade de autorreflexão dos indivíduos, também advogava que à educação cabia o papel de emancipar os sujeitos e de contribuir no controle dos impulsos destrutivos, minando as sementes do autoritarismo.

A obra é um guia para conhecermos as muitas formas de barbárie em nosso tempo ao passo que também se constitui um convite a repensarmos nossas práticas, tornando-nos mais lúcidos da urgente necessidade de resgatarmos valores democráticos.

Cabe-nos enquanto estudiosos, educadores e educandos, assumir posturas de resistência contra a barbárie do projeto autoritário de dominação pelo capital e pela opressão em andamento no País. Pensar nas alternativas com esperança é necessário.

#### REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CASSIO, F. (Org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.